

Breves notas curriculares



Olga Barbosa. Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto - 1977. Frequência do Curso de Pintura na Escola de Belas Artes da Universidade do Porto - 1980-1982. Bolseira do British Council - “Drama in Language Teaching” – Londres – 1986. Post graduation in “Applied Linguistics” 1989 - University of Reading. Professora do Ensino Básico Secundário desde 1973/74. Co-autora de manuais didácticos – Ed. ASA - 1986/87 e 1994/95/96. Autora de “ O Senhor Minimal” (texto e ilustração) – Literatura Juvenil – 2006 Campo das Letras. Pintora com exposições regulares desde 1999.

Exposições individuais

1999 “Sentir os Laços” – Fundação Engenheiro António de Almeida - Porto
2000 “Corpo a Corpo” – Auditório Municipal de Vila do Conde
2001 “ Telas de Q “ - Galeria Belobelo – Braga
2002 “Começo da Inquietação” – Galeria da C. da Trindade – Lisboa
2003 – “Moramor” – Quasiloja – Porto
2004 - “Ruptura de uma Unidade Primitiva” – Quasiloja - Porto
2005 – “O Senhor Minimal” – ilustração - Biblioteca Municipal de Espinho
2007 – “ Woman’s perspective” – Casa das Artes – Famalicão
2011 – “ Laços, colarinhos e gravatas” - Livraria Centésima Página – Braga
2011 – “ Olhares no Feminino” – Galeria do Salão Medieval – Reitoria da Universidade do Minho - Braga

Exposições colectivas

2000 – Biblioteca Municipal de Gaia - Prémio do Pintor António Joaquim
2001 – Belobelo – Braga
2002 – Galeria da C. da Trindade – Lisboa
2003 – Quasiloja – Porto
2003 – Biblioteca Municipal de Ovar
2004 – Centro Cultural da Malveira
2004/2005 – Quasiloja – Porto
2007 – Museu Nogueira da Silva – Braga
Representada em colecções particulares e instituições públicas.



Sofia Saldanha nasceu em Braga. Em 1992 juntou-se à equipa da Rádio Universitária do Minho onde permaneceu até 2007. Desde 1998 é membro do Sindicato de Poesia. Frequentou o curso de Sociologia da Universidade do Minho. Em Londres completou o Mestrado em Radio no Goldsmiths College. Foi galardoada com o Best New Artist Award in the 2010 no Third Coast /Richard H. Driehaus Foundation Competition com o documentário audio The Sleeping Fool. É fotógrafa freelance.



Universidade do Minho
Conselho Cultural

Olhares no Feminino ou, a celebração da ‘*flâneuse*’

Exposição de Pintura e Fotografia

organizada pelo Conselho Cultura da Universidade do Minho

16 de Novembro a 13 de Dezembro 2011

Galeria do Salão Medieval da Universidade do Minho

Largo do Paço, Braga

Olhares no Feminino ou, a celebração da ‘*flâneuse*’

Tal como escreve Janet Wolff no ensaio “A invisível *flâneuse*” (1990), “o dandy, o *flâneur*, o herói, o estrangeiro – todas estas figuras invocadas para identificar a experiência da Modernidade –, são invariavelmente figuras masculinas”. Contudo, e seguindo o apelo transgressivo de um dos grandes vultos dessa mesma Modernidade, a escritora inglesa Virginia Woolf, num curioso ensaio de 1927 intitulado “Vagueando pelas ruas: uma aventura londrina” – texto esse desenvolvido posteriormente no romance *Orlando* (1928) –, reivindica o direito das mulheres suas contemporâneas a conquistarem a cidade, assumindo assim um olhar, um sentir e um viver a cidade também como sua, deambulando gostosamente pelas suas ruas, reclamando para si a figura da *flânerie* no feminino. Longe já da vitimização *fin-de-siècle* e recusando epítetos vazios que, mais do que servirem às mulheres de adorno, as objectificam, Woolf é pioneira neste gesto, aparentemente inócuo, de gozar a aventura de se infiltrar anonimamente, ao sabor do acaso e do instinto, nas ruas da sua cidade. Mais tarde, em *Orlando* (que havia de ser traduzido por Jorge Luis Borges como uma das obras-primas da Modernidade), Woolf reitera essa mesma fruição “mal/dita” ou mesmo inter/dita às mulheres do seu tempo. No romance *Orlando*, cujo protagonista vai viajando pela História, atravessando os séculos e assumindo nesta travessia distintas personagens e identidades sexuais, a escritora confiar-nos-á um dos seus mais resguardados segredos: o prazer de olhar sem ser observada, gozar o momento efêmero da passagem do tempo e a fruição do contacto com as coisas e as gentes, no labirinto – “selva de asfalto” benjaminiana – da cidade. “Bastava-lhe olhar e olhar sempre”, diz-nos secretivamente a autora.

Evoco a *flânerie* de Baudelaire, E. A. Poe, Woolf ou Walter Benjamin, consentâneos que a cidade tem um pulsar próprio, para me aproximar das figurações imagéticas de Olga Barbosa e de Sofia Saldanha. Em ambas testemunhos distintos desse “olhar” no feminino e dessa deambulação pelos labirintos da identidade, da subjectividade e pela memória da cidade, na busca, ora mítica, ora onírica, ora paródica mesmo, de um sentido plural das coisas, do mundo e de si mesmas. O assumir da cidade e do seu pulsar está patente na arte de ambas através de distintas máscaras, projecções e figurações do eu – minuciosamente captados e transpostos na pintura de Olga Barbosa, marcadamente intertextual, construindo-se num diálogo intenso e numa presença em diferido da literatura (Lewis Carroll, a própria Virginia Woolf); enquanto que na fotografia de Sofia Saldanha assume os contornos nítidos de um olhar a um tempo perscrutante e compassivo, de alguém que “vê”, capta o instante poético e o fixa através da lente, aparentemente “mecânica”, da câmara fotográfica. Londres, Nova Iorque, Chicago ou Beirute desfilam perante os nossos olhos mediatizados agora pelo olhar desta outra *flâneuse* que lhes captou a essência e no-la devolveu transfigurada, travestida, inquietante. Em ambas as artistas a mesma explosão da cor, idêntica ficcionalização do real, e um mesmo sentir dos ritmos e dissonâncias da cidade conquistada e a cada instante revisitada.

Ana Gabriela Macedo

Novembro 2011